

A PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO NO MÉXICO

A chegada dos missionários à América

Gerardo Custodio López
gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: “O propósito desta visão histórica é: colocar a nossa evangelização em continuidade com a realizada nos últimos cinco séculos, cujos pilares ainda permanecem ...” (Puebla 1). O presente trabalho é uma tentativa de retornar o que foi o começo da primeira evangelização no Continente e no México. A Europa viveu a situação desconfortável da presença dos mouros por oito séculos. Ao libertar-se do Islã e com a descoberta de novas terras, enormes possibilidades se abriram. Talvez sem uma preparação adequada, os conquistadores chegaram às novas terras e ficaram admirados com o que aqui existia, começando a destruir o que para eles era parte de um paganismo puro representado pelos sacrifícios humanos, e roubando as riquezas em ouro na quantidade que essas terras ofereciam. A Espanha achava que deveria ser fiel à missão de levar o Evangelho ao povo do Continente. A chegada dos missionários para a implantação da Igreja, trouxe excelentes missionários que deixaram sua marca em muitos países, como também a conquista deixou terríveis consequências. A história continua e a América lentamente se torna consciente de ser a protagonista do mandato de Jesus de levar a Boa Nova a todos.

ABSTRACT: “The purpose of this historic vision is as follows: Place our evangelization in continuity with the evangelization of the past five centuries, which foundations continue to subsist...” (Puebla 1). This essay is an attempt to return to what it was the first evangelization in the Continent and in Mexico. Europe has experienced the uncomfortable situation of the Moors’ presence for eight centuries. Once free from Islam and discovering new lands in America, enormous possibilities have opened up. Perhaps without adequate preparation, the conquerors came to the new lands and were amazed at what existed here, beginning to destroy what for them was part of a pure paganism represented by human sacrifices, and stealing the riches in gold in the amount that these lands offered. Spain felt that it should be faithful to the mission of bringing the Gospel to the people of the Continent. The arrival of the missionaries for the implantation of the Church brought

excellent missionaries who left their mark in many countries, but the conquest also had terrible consequences. The story continues and America slowly becomes aware of being the protagonist of Jesus' mandate to bring the Good News to all.

1. A IGREJA MISSIONÁRIA NA EUROPA NO SÉCULO XVI

O que levou os missionários a empreender a missão no novo mundo? Desde o século XIII, a situação foi a seguinte:

1. a Santa Sé reconhece a *possessio* de Portugal sobre as terras descobertas;
2. este poder é exclusivo sobretudo na África;
3. quem proceder de maneira contrária estaria sujeito à excomunhão;
4. esse poder também é econômico: privilégios são concedidos em virtude da luta contra os inféis.

O papado reconheceu à coroa portuguesa um *direito* e um *dever*, isto é, o *ius patronatus* e o dever de propagar a fé. É a primeira vez que a Igreja concede a uma nação o duplo poder de colonização e missão, onde se mistura o temporal e o sobrenatural, a política e a religião, a economia e a evangelização, produzindo algo como uma teocracia expansionista e militar. Da mesma forma, esta formula será utilizada também com a Espanha (DUSSEL, 1983, p. 81).

Era uma época em que a Coroa e a Igreja eram indissolavelmente unidas: dois poderes que cimentam a sociedade. Na Espanha, nascia-se espanhol e católico ao mesmo tempo. As guerras se faziam em nome do Rei e de Deus. O único caminho de salvação da alma era o cristianismo e não se concebia a prática de nenhum outro culto. Na América, os conquistadores tinham esse objetivo de conquistar para evangelizar. A Santa Sé havia delegado quase todo o poder eclesiástico na monarquia. A Espanha, conviveu com o islamismo, com o judaísmo e com uma postura totalmente antiprotestante, articulando uma verdadeira consciência anti-sincrética. Era uma total intransigência contra tudo o “diferente”.

Daí a vontade da pureza cristã.

Os benefícios da Espanha foram aumentando uma vez encontradas as terras da América. Foi criado o Supremo Conselho das Índias em 1524, que tinha plena autoridade em todos os assuntos da colônia: religioso, econômico, administrativo, político e bélicos. Assim, qualquer questão das novas terras, não poderia se comunicar diretamente com Roma. Os representantes do Padroado tinham plenos poderes. Eram eles que enviavam religiosos sem comunicar aos seus superiores, nomeavam os bispos, autorizavam a abertura de dioceses com seus limites e administravam os dízimos das igrejas (DUSSEL, 1983, p. 82).

A partir desta mentalidade surgem questões encontradas como a do teólogo Ginés de Sepúlveda, que defendia a escravidão argumentando que os conquistados não são homens verdadeiros, mas “quase-animais”. Isto impunha de fato, reconhecer a superioridade racial, espiritual e religiosa do espanhol sobre o indígena. Essas teorias serão refutadas especialmente pelos dominicanos.

O único título para governar as “índias ocidentais” veio das quatro bulas do Papa Alexandre VI em 1493, que designava à Espanha a evangelização do Novo Mundo. Isso teve sua repercussão nos primeiros contatos entre os missionários e a cultura local. Se para o conquistador ser espanhol e ser cristão se identificam, assim para o índio, ver o missionário e o conquistador era o mesmo. Foram os mesmos missionários que foram percebendo que era necessário fazer a distinção entre hispanismo e cristianismo. Era a Igreja apropriada para ser ponte entre o evangelho e as culturas locais e não os conquistadores com uma espada. A conquista foi a expansão da cristandade de tipo europeu-hispânico, que contém elementos como a dominação das terras e seus habitantes sob o poder da Coroa e a evangelização dos povos pela incorporação à Igreja (DUSSEL, 1983, p. 87-88). Desta prática nascerá a chamada *encomienda*: a redução dos índios ao trabalho forçado, em troca de sua evangelizado.

O ano de 1492 marcou o início de uma nova reformulação do cristianismo. Era necessário que a Europa pudesse falar das

coisas divinas diante de uma sociedade que se ia fazendo cada vez mais rica e ao mesmo tempo mais arrogante, por causa das riquezas trazidas da América. E nas terras conquistadas, devia se impor uma forma de falar sobre Deus desde o sofrimento dos inocentes e dos povos condenados à servidão. Falar de religião por parte das classes opulentas e seguras de seu domínio sobre o mundo, direcionando seu discurso para a culturas em vias de desaparecimento. Isso será parte da discussão frequente nos primeiros anos da evangelização do novo continente (HOONAERT, 1994, p. 153).

Os antecedentes da conquista propriamente dita, se podem resumir da seguinte forma: perseguição religiosa contra os árabes, expansão comercial entre o Ocidente e o Oriente, estudos incipientes sobre a redondeza da terra e expansão missionária (LÓPEZ-VELARDE, 1978, p. 9).

2. OS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS NA ESPANHOLA — SANTO DOMINGO

Na sexta-feira 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo chega às Antilhas. Dez anos depois, Américo Vespúcio chama a América ao Novo Mundo (ACEVEDO, 1966, p. 95). O Papa Alexandre VI, na Bula “Inter Caetera”, de 3 de maio de 1493, concede aos reis de Castela as terras descobertas. Ele os encarregou de navegar sempre para o oeste, ao contrário os portugueses tinham que ir para o leste. A condição imposta foi a evangelização dessas terras (LÓPEZ-VELARDE, 1978, p. 11).

A evangelização direta começou em 1493 sob a direção do primeiro legado pontifício no Novo Mundo, frei Bernardo Boyl, da ordem dos Mínimos, acompanhado por outros frades. A expansão missionária partiu de Santo Domingo, Porto Rico e Cuba e se espalhou por todo o continente. A Nova Espanha e o Peru serão importantes pontos de partida para a evangelização da América Latina (FERNÁNDEZ, F., 1998).

No ano de 1510, a situação na Espanhola era a seguinte. Imperava Nicolás de Ovando como governador e o processo de *encomiendas*, onde os índios eram redistribuídos, se responsabili-

zava por fornecer a mão de obra aos espanhóis. Ovando concebia uma sociedade em que coexistiam as comunidades indígenas e espanholas sob o controle do governador real, introduzindo os índios nos benefícios da civilização cristã e oferecendo-lhes em troca o trabalho. O estabelecimento normal do trabalho forçado entre a população indígena só precipitou um processo que já estava resultando catastrófico: sua total extinção.

Que futuro lhes esperava? Primeiramente, esta situação provocou um movimento de indignação moral na própria ilha e na Espanha. O movimento vai ser dirigido pelos dominicanos que, ao chegar neste ano, ficaram apavorados. Por outro lado, alguns autores afirmam que, tanto para Colombo quanto para o rei Fernando, a conquista era um empreendimento pura e simplesmente econômico, onde não buscavam almas para converter (FERNÁNDEZ, M., 1953, p. 24). De fato, Las Casas escrevera textos expressando a péssima ideia que Colombo tinha sobre os índios.

Em outubro de 1510 chegam os primeiros frades dominicanos à Espanhola. Ali se tinham repartido os índios para os bispos, frades, dignitários e clérigos. Depois de 19 anos de ocupação e *encomienda*, o que se destacava eram os maus tratos, a exploração e a morte que encontravam nas minas de ouro e nas fazendas, porque “só queriam enriquecer com o sangue daqueles miseráveis” (GUTIERREZ, 1989, p. 27).

Os frades começaram a perceber que o regime da *encomienda* era contrário à natureza, humana e divina: aniquilavam-se os índios em seu corpo e em sua alma. Eles tinham uma morte prematura e injusta, negando-lhes o direito à vida. Os dominicanos se uniram aos franciscanos contra o *encomienda*. Denunciaram os abusos dos espanhóis que “parecem mais gananciosos e raivosos do que os cristãos”. Os índios tinham mais forma de mortos pintados, que de homens vivos. Se não era possível tomar as medidas apropriadas contra a exploração, era melhor para os índios voltar à sua condição primitiva. Vale mais a liberdade e a saúde corporal dos infieis do que fazê-los cristãos cativos e destinados à morte. Las Casas se somará contra a *encomienda*: “porque os cristãos os

hão repartido dizendo que lhes ensinam as coisas da fé, mas na verdade não lhes ensinaram nada. E eles como vão lhes ensinar o que não sabem” (GUTIERREZ, 1989, p. 46-47).

Diante dessa situação, os dominicanos chegaram a uma solução: tomar partido pelos índios. O grupo foi liderado por Pedro de Córdoba, Antônio de Montesinos e, mais tarde, Bartolomeu de Las Casas. Eles tentaram se separar do projeto colonizador. A história começa com um sermão pregado na Igreja principal em 21 de dezembro de 1511, o quarto domingo do Advento, em Santo Domingo. Baseado no texto de João 1,23, (“*eu sou a voz do que grita no deserto: endireita o caminho do Senhor*”), na frente de numerosos nobres, Montesinos pregou o seguinte:

Todos estão em pecado mortal e nele vivem e morrem, por causa da crueldade e tirania que usam com essas pessoas inocentes. Digam, com que direito e com que justiça têm essa cruel e horrível servidão a esses índios? Com que autoridade têm feito tão detestáveis guerras contra essas pessoas que estavam em suas terras calmas e pacíficas, onde tão infinitas, com morte e estragos nunca ouvidos, têm consumido? Como é que os têm tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer, nem os curar de suas doenças, o trabalho excessivo que lhes dão, incorrem e se lhes morrem, e de forma mais clara, os matam por extrair e adquirir ouro todos os dias? E que cuidado têm daqueles que doutrinam e conhecem seu Deus Criador, são batizados, ouvem missas, guardam as festas e domingos? Estes não são homens? Não têm almas racionais? Não estão obrigados a amá-los como a vocês mesmos? Isto não o entendem? Não o sentem? Como estão em tanta profundidade de sono tão letárgico dormidos? Tenham por certo que no estado em que estão, não se podem salvar mais do que os mouros ou turcos que carecem e não querem a fé de Jesus Cristo (GUTIERREZ, 1989, p. 23-30).

No domingo seguinte os frades se recusaram a absolver em confissão aqueles que mantivessem os índios como escravos. O filho de Colombo, Diego, pediu então ao Rei que retirasse os dominicanos da ilha. O Rei chamou o Provincial Loaysa para que proibisse os sermões dos confrades. Diante dos oficiais do Rei que se queixaram desta nova doutrina nunca antes ouvida, a comunidade dos frades, por intermédio de Pedro de Córdoba, superior

da comunidade, veio corroborar o dito por Montesinos.

O que veio a escandalizar, afinal de contas, foi ter dito que “a novidade não era outra, a não ser afirmar que matar essas pessoas era pecado maior do que matar pulgas”. O Rei Fernando obrigou os frades dar a absolvição sem precisar libertar os índios. Com isso, o Rei justificou o sistema da *encomienda* em vigor desde 1503. Além disso, nenhum dominicano ou frade podia falar sobre a matéria no púlpito ou fora dele, nem em público nem em segredo (GUTIERREZ, 1989, p. 33-37).

O sermão teve ressonâncias na Espanha. Textos da época aludem de que, se for realizado na prática o que pedem os dominicanos, não ficariam europeus nas índias, porque não haveria quem trabalhara para eles e, portanto, não haveria interesse em estar lá. O provincial Alfonso Loaysa não apoiou os frades, que foram repreendidos sob pena de excomunhão. Mas o grupo de frades não desistiu da defesa dos índios. A situação era difícil porque não havia maneira de chegar diretamente até o Papa.

Nesse momento Bartolomeu de Las Casas vai se unir ao grupo. Ele era capelão de um espanhol que recebera terras em Cuba e ele próprio possuía terras e pessoas a seu serviço. Ele mesmo era um *encomendero* e um clérigo. Uma vez, ao confessar-se junto a um padre dominicano, este se recusou a dar a absolvição por Las Casas ter escravos. Isso o colocou em crise.

Um dia devia de preparar um sermão sobre o texto de Ecl. 34, 21-27, onde se diz que Deus não aceita sacrifícios baseados na injustiça. Ele entendeu que todas as missas celebradas em Cuba estavam comprometidas com a exploração da mão de obra indígena. A partir de então, para ele, a conquista espanhola do Caribe foi contra a vontade de Deus (HOONAERT, 1994, p. 176). Em 1514 renunciou de ser *encomendero* e no ano seguinte, Las Casas e Córdoba se encontraram novamente para assumir juntos um projeto de humanização e de defesa dos indígenas. Os dois, mais Montesinos, viajam a Espanha. Daqui surgiram as leis de Burgos, que foram uma tentativa de regular a *encomienda* (BETHELL, 1984, p. 138-140).

Las Casas escreve na conclusão de sua obra:

“Não se pode atrair a vontade para o bem através da violência. Se a busca de ouro no continente envolve violência colonialista, então a missão cristã deve de se desligar da colonização para trabalhar separado. Não há compatibilidade entre Deus e ouro” (HOONAERT, 1994, p. 210).

Estes escritos chegaram ao Papa Paulo III, que logo escrevera a bula *Sublimis Deus*, declarando que todos os povos conhecidos são dotados de liberdade e não devem ser privados dela ... nem devem ser reduzidos à escravidão. O Rei Carlos V irritou-se ao saber dessa declaração do Papa, e o documento ficou relegado aos arquivos sem influência. A *encomienda* e o padroado não puderam ser vendidos até o século XIX (HOONAERT, 1994, p. 223).

3. A EVANGELIZAÇÃO DO MÉXICO

Vários autores afirmam que a descoberta formal do México ocorreu no domingo 1 de março de 1517, na primeira expedição de Francisco Hernández de Córdoba, enviada pelo governador de Cuba, Diego Velázquez (LÓPEZ-VELARDE, 1978, p. 17-18). O primeiro sacerdote nesta terra foi Alonso González em Cabo Catoche, em 5 de março de 1517. Contudo, se tem certeza somente da Primeira Missa em 6 de maio de 1518, com o Padre Juan Díaz em Cozumel. Entretanto, foi Bartolomeu de Olmedo que foi reconhecido como primeiro sacerdote que começa a evangelização do país.

Hernán Cortés chegou em 22 de abril de 1519, uma sexta-feira santa à Vera Cruz. Em novembro entrou com seus aliados Totonacas, Tlaxcaltecas e Acolhuas à cidade do México. Depois de várias tentativas, planejou o ataque à grande Tenochtitlan, sitiando-a em 30 de maio de 1521, e consumou a queda em 13 de agosto daquele ano. Cuauhtémoc havia assumido o poder em janeiro desse ano.

Os primeiros missionários que chegaram para a evangelização no México foram 12 franciscanos em 13 de maio de 1524,

entre eles está frei Pedro de Gante, que ficará 50 anos entre os índios. Um segundo grupo foram os dominicanos que chegaram em 2 de julho de 1526. Os agostinianos chegaram em 22 de maio de 1533, com seus primeiros sete frades. Em meados do século, havia cerca de 800 frades no México e 350 no Peru.

O propósito que prevaleceu na evangelização do México nos séculos XVI-XVIII foi o da “tabula rasa”: acabar com tudo o pré-hispânico, dando-o como ruim. A atividade missionária dos evangelizadores coincidia com o nascimento e propagação dos erros protestantes. Era natural que eles estivessem obcecados pelo temor de um sincretismo pagão, como é o caso do dominicano Alonso de Montúfar, antigo inquisidor do Santo Ofício.

Juan de Zumárraga veio ao México como bispo indicado pelo Rei, sem bula de nomeação. Ele chegou ao México em 6 de dezembro de 1528. Dois anos depois, o Papa Clemente VII o ratificou no bispado do México e foi para a Espanha para sua consagração em abril de 1533. Assumiu o cargo em 28 de dezembro de 1533 (LÓPEZ-VELARDE, 1978, p. 42-66).

A religião no México estava constituída por um politeísmo de riqueza extraordinária. Os atos da vida estavam impregnados de ideias religiosas, de modo que, no curso de sua existência os indígenas tinham que se submeter a inumeráveis ritos e cerimônias, incluindo sacrifícios humanos aos deuses, como Huitzilopochtli. O corpo sacerdotal era muito numeroso. O México antigo tinha chegado a um notável grau de civilização (RICARD, 1986, p. 95). O missionário Jerónimo de Mendieta afirmava que entre eles havia uma vaga noção do verdadeiro Deus, uma deidade suprema, Ometecutli ou Ometéotl.

Uma vez totalmente imersos na evangelização, tanto os missionários religiosos quanto os seculares coincidiram que o veículo que ganhava o coração dos indígenas era o conhecimento do idioma local. Conhecida a língua conseguiram escrever inumeráveis catecismos, gramáticas, vocabulários, doutrinas, traduções dos Evangelhos, dicionários. A língua mais difundida era o náhuatl. Outra boa prática dos missionários foi a conservação

dos costumes, adaptando-se aos ouvintes e, em vez de destruir seus templos, ergueram santuários famosos substituindo-os.

A atitude dos missionários se enfocou em não batizar apressadamente, seja quem fosse, em qualquer condição, mas, ao mesmo tempo, não fechar as portas do Reino a quem desejasse com ânsias de entrar nele, sem obrigar a esperar indefinidamente a entrada na Igreja. Portanto, nada de catecumenato propriamente dito, apenas uma breve formação sobre as coisas essenciais. Encontramos já aqui o caráter de moderação e equilíbrio, essa desconfiança de métodos sistemáticos e absolutos, que o ecletismo que nos parece são um dos elementos dominantes da missão mexicana (RICARD, 1986, p. 179-180).

Em toda população onde tivesse um convento, havia de se ensinar o catecismo de forma regular todos os domingos e feriados. Cada bairro ou povoado em grupo se encaminhava à igreja, com a cruz na frente e rezando orações pelo caminho. Chegadas ao templo, “fazia-se a conta” dos fieis. Essa vigilância era estritamente rigorosa e impunha severas sanções. Em 1539, tiveram que proibir o uso de açoitões, a prisão e os grilhões aos índios. Os fiscais deviam vigiar para que todo mundo se batizasse e cumprisse a confissão da Quaresma. Ajudavam aos não casados a ter acesso ao matrimônio, a denunciar os concubinatos e adultérios, a denunciar aos bruxos, aos ébrios e aos vendedores de licores inebriantes que favoreciam o vício para o próprio lucro.

Onde não havia sacerdote estável, os fiscais cuidavam e limpavam o templo, mantinham um registro dos batismos, batizavam eles mesmos em caso de necessidade, ajudavam aos moribundos à boa morte, presidiam os enterros, recordavam ao povo os dias de observar os preceitos de abstinência e jejum (RICARD, 1986, p. 182-183).

A tarefa evangelizadora tomou dois caminhos: de um lado, a luta contra os próprios espanhóis, de outro, os métodos para converter aos índios. Houve os que abusaram da autoridade para impor a fé religiosa e houve os que com amor piedoso viveram perto deles, como é o caso de Sahagún, Motolinia e Vasco de

Quiroga. A missão era difícil porque deviam arrancar a religião indígena do sangue e criar uma nova forma de vida para aqueles que foram guerreiros ferozes. Havia que superar a desconfiança hostil ao espanhol.

Os missionários fundaram escolas nas quais reuniram certos índios escolhidos de cada povoado. Se lhes ensinava a ler, escrever, contar ... e o catecismo. Depois voltavam a sua terra com a tarefa de ensinar os outros, principalmente as crianças.

Motolinía narra a história de dois jovens de Tlaxcala que, por conta própria, “confessados e comungados” e sem dizer nada a ninguém, foram terra adentro para converter e ensinar outros índios, com muito entusiasmo e trabalho, colhendo muito fruto. Nem o martírio os fez recuar, como no caso de Cristobalito, que aos 13 anos de idade foi assassinado por seu próprio pai, por fazê-lo renunciar à idolatria e à embriaguez, ou como no caso das duas crianças de Tlaxcala, que com a vida pagaram seu interesse de descobrir e destruir ídolos astecas.

Os franciscanos, em suas crônicas, atribuíam aos jovens o maior mérito na conversão da Nova Espanha. As jovens também participaram da evangelização. O franciscano Mendieta diz: “De como a conversão dos índios foi feita através das crianças” (RICARD, 1986, p. 187-189). Sahagúm, falando dos jovens índios educados no colégio Santiago de Tlatelolco, diz o seguinte:

“Se os sermões, mensagens e doutrinas foram feitas na língua indígena, que podem parecer e estar isentos de toda heresia, são precisamente os que com eles se têm corrigido, eles por serem entendidos da língua latina, nos dão a entender as propriedades das palavras e as propriedades do modo de falar, das incongruências que falamos nos sermões, ou as que dizemos nas doutrinas; eles nos corrigem e qualquer coisa que se tenha que traduzir na língua deles, se não for por eles examinada, não pode ir sem defeito, sem escrever congruentemente na língua latina, nem no romance, nem na língua deles; pelo que toca a ortografia e a boa caligrafia, não há quem o escreva, se não são os que aqui se criam” (apud RICARD, 1986, p. 342).

É necessário lembrar o informante de Zorita, Pablo Naza-

reno, que traduziu ao Náhuatl as Epístolas e os Evangelhos. As línguas permitidas para os estudantes eram o latim e o Náhuatl.

Para a evangelização do povo, os missionários usaram pinturas, segundo o costume dos antigos mexicanos. Desenvolveu-se o método visual para o ensino, ao estilo dos astecas, pelas imagens se fizeram os catecismos. Outros missionários levavam já pinturas feitas onde explicaram as verdades da fé.

As primeiras conseqüências do ensino religioso se manifestaram nas festas indígenas. Os índios influenciados pelos missionários começam a abandonar seus antigos cultos e ritos ou, pelo menos, modificá-los incorporando as novas experiências cristãs. Desta forma, a festa religiosa é, a partir do século XVI, o mais colorido e concreto símbolo da fusão da alma espanhola com a indígena. Pantomimas, danças, máscaras, fazem parte da festa. Aproveitaram também do gosto pelo canto que tinham os índios, que colocavam em verso as verdades da fé.

O colégio de Santiago fundado pelo bispo Zumárraga devia ter sido o primeiro seminário indígena do México. Era um grupo seletivo de 60 estudantes para aprender assuntos especiais (PEREYRA, 1986, p. 180). O hábito que lhes foi imposto, o tipo de vida a que se lhes submeteu, não deu os resultados esperados. O partido anti-indígena buscou todas as oportunidades para desacreditar a instituição, sem deixar os jovens chegar ao sacerdócio, nem mesmo abrir-lhes as portas da vida religiosa. Foram talvez, os agostinianos, entre as três ordens, que mostraram a maior confiança na capacidade espiritual dos índios e que tentaram iniciá-los na vida contemplativa.

O colégio franciscano de Santa Cruz de Tlatelolco, fundado em 1536 para educar os filhos da aristocracia mexicana, foi um objeto natural de desconfiança para todos os espanhóis, sejam estes leigos ou clérigos, que eram hostis a qualquer tentativa de colocar o mexicano no mesmo nível de educação que os europeus, ou educá-los para o sacerdócio (BETHELL, 1984 p. 164). Antônio Valeriano foi um dos índios mais letrados, formado no colégio Santa Cruz. Em pouco tempo aprendeu a pronunciar dis-

curso no mais puro latim de Cícero. A ele é atribuído o Nican Mopohua.

Embora o número de conversões foi surpreendente, a qualidade deixou muito a desejar. Se fala de milhares de batismos diários, como menciona Pedro de Gante em carta de 27 de junho de 1529, onde ele fala de 14 mil (RICARD, 1986, p. 176). Havia sinais de que os índios que tinham abraçado a fé com entusiasmo ainda veneravam os antigos ídolos em segredo. Os missionários lutaram contra a resistência dos índios em adotar as verdades básicas, que se chocavam com o comportamento e costumes.

O primeiro movimento missionário apagou todos os vestígios de uma civilização pagã, depois começou uma tentativa de examinar, a registrar e a investigar. O dominicano frei Diego Durán indicou que “erraram muito, os que com grande zelo, mas não com grande prudência, queimaram e destruíram a princípio todas as pinturas antigas que tinham, que nos deixaram tão sem luz, que diante de nossos olhos idolatram e não nós os entendemos” (DURAN, p. 71).

4. UM CRISTIANISMO INDIGENA?

A Coroa se interessava na capacidade intelectual, moral e manual do índio. Mas ninguém se ocupava em conhecer suas estruturas míticas, os sistemas de pensamento, as razões e as causas últimas de suas teogonias. Nos colonos havia uma incapacidade prática, nos missionários havia uma desorientação escolástica para este tipo de análise.

O mundo greco-romano precisou de nada menos que seis séculos de contato com o cristianismo para purificar o “deísmo” que tinham. A passagem do paganismo ao cristianismo, ao se realizar em massa, deve durar muitos séculos. Por isso os missionários pensaram acelerar o processo isolando as comunidades indígenas que aceitavam o cristianismo. Assim, em uma geração, se podia alcançar uma consciência cristã, suficientemente clara para ser chamada como tal. Esta é a razão das reduções.

Em geral, as religiões primitivas são trágicas. A tragédia da alma indígena permanecerá tanto tempo enquanto dita consciência demorava em ser instruída e fortalecida na vida cristã. Os missionários elegeram entre os ritos, danças, artes, canções, os elementos que podiam ser aceitos nas para-liturgias, na arquitetura, nos catecismos, nos sacramentais. Houve uma transformação do pano de fundo do ritual primitivo e uma aceitação de muitas formas secundárias. O catecumenato progressivo se dá gradualmente.

Não se pode confundir ignorância religiosa com paganismo. Muitos povos tinha um nível de cultura ou civilização realmente primitivos e sua própria fé estava em um grau incipiente. Por outro lado, é um excesso admitir facilmente o catolicismo do índio pelo simples fato dele ter recebido o batismo e algumas noções de dogmas. Sua situação é um catecumenato inacabado. Os missionários que chegaram na segunda geração ao continente, como é a do México, Acosta e Sahagún, entenderam que para evangelizar realmente era necessário conhecer o sistema de pensamento do índio. Porém era um pouco tarde. As antigas tradições tinham sido derrubadas em novos moldes, os ritos tinham sido aniquilados, os antigos sábios tinham morrido, o mimetismo de proteção da consciência índia tornava muito difícil o acesso.

No nível mais profundo, os missionários chegam tarde para imprimir na consciência índia os grandes elementos da compreensão cristã: a criação, a pessoa de Jesus Cristo, a contingência das coisas. No entanto, haverá grandes áreas onde o paganismo permanecerá em estado puro; áreas em que muitas estruturas pagãs não foram definitivamente purificadas. No entanto, podemos dizer que onde chegou a evangelização primeira do século XVI, o cristianismo não recuou. A geografia espiritual do México mostra isso: as regiões alcançadas pela pregação dos missionários, a fé continua viva (Cf. DUSSEL, 1983, 124-128).

Alguns pensam que os índios só aceitaram a fé externamente. Jimenez Rueda diz: “o índio só podia captar a parte externa do culto, a plástica das cerimônias, a música coral e a de órgão”

(1946, p. 19). José Carlos Mariátegui também afirma: “os missionários não impuseram o Evangelho; impuseram o culto, a liturgia [...] o paganismo nativo foi substituído sob o culto católico (1928, p. 127). Outros pensam que os índios são essencialmente cristãos, embora com deficiências como diz Fernando Armas Medina (1953, p. 551).

Cada missionário, ao sair da Espanha, parecia vir para converter e mudar a história e o mundo. Creiam que, entre essas pessoas, mesmo sem se contaminar pelos vícios da Europa, poderiam construir uma Igreja que se aproximaria a do Cristo e seus primeiros apóstolos. Os milhares de batismos pareciam dar-lhes razão, como se os mexicanos possuíssem uma aptidão natural para o cristianismo. O grande vazio que lhes deixou a derrota da conquista, o desaparecimento dos sacerdotes nativos e a ausência rotineira das cerimônias regidas pelo calendário asteca, os dispunha a aceitar o novo que os missionários lhes ensinavam (BETHELL, 1984, p. 162-163).

Logo que a visão humanista dos missionários desaparecia, e parecia a cada dia menos provável esse novo mundo, os frades lutaram para conservar o que ainda restava reunindo-os em aldeias para protegê-los. Os europeus não estavam dispostos a mudar o estilo de vida e obrigavam os índios a se adaptar a ele, em todas as suas formas, especialmente os da cidade ou povoados. A fidelidade dos índios às suas tradições manifestava a rejeição da dominação colonial. Mesmo que no começo se entregaram com entusiasmo aos missionários, mas no fundo ainda se apegavam ao seu próprio estilo de vida e as crenças de seus ancestrais. Se os espanhóis conseguiram aniquilar todos os cultos oficiais dos índios, o culto popular sobreviveu em segredo.

Os espanhóis fomentaram a ambiguidade erguendo cruzeiros e igrejas nos antigos lugares sagrados, enquanto que os índios escondiam seus ídolos e ritos com um véu cristão. Se os índios do continente admitiram a existência de um Deus cristão, consideravam que sua influência se limitava ao mundo dos espanhóis, e então os índios cuidavam da proteção dos próprios deuses. Em

carta dirigida ao Felipe II em 1579, pode-se observar por que Antônio de Zúñiga lamentava o fato de que os índios nada fizeram além de fingir sua participação nas crenças católicas; na verdade, não eram mais cristãos do que no tempo da conquista. “A maioria dos indianos não são cristãos” (ARGUEDAS; RESCANIERE, 1967).

Para aprofundar mais o assunto, poderia me apoiar em uma pergunta do frei Domingo de Betanzos: os índios têm capacidade racional suficiente para serem sujeitos aptos a receber o batismo? Isso criou inúmeras discussões na Espanha, alguns a favor e outros contra. Há testemunhos de bispos, como o arcebispo de Puebla, Vera y Zuria, que sinalaram de que “há muita diferença entre os cristãos índios de um povoado para outro. Há pessoas indiferentes e incrédulas, como as há com muita fé e fervor”. Outros preferem chamar o sincretismo ao fato de pensar que os índios não foram capazes de se tornar verdadeiros católicos, como é o caso de Manuel Gamio. Ele diz que os índios se contentaram em fazer cerimônias e práticas externas, às quais mantiveram a mistura das antigas superstições e ritos tradicionais, embora deformando-os:

Ao chegarem os missionários, compreenderam rapidamente que seria fácil converter aos catecúmenos americanos se procurassem a fusão das duas religiões, aproveitando aqueles aspectos que, em ambos, ofereciam uma certa analogia. Os temas abstratos e obscuros do catolicismo nunca foram e nem são atualmente entendidos nem aceitos pelos indígenas, e ao contrário, manifestações materiais e objetivas se fundiram rapidamente com as manifestações similares de origem pré-hispânica, resultando enfim uma religião mista ou católica rudimentar que professam no México os milhões de habitantes da civilização do tipo indígena (GAMIO, 1922, p. XXXI).

Houve outros que não viram ao índio dessa maneira, como os missionários que amaram profundamente os índios. Respeitaram com cuidadoso método a personalidade e alma do índio. Nunca tentaram um trabalho de hispanização, de europeização do índio. Certamente havia que romper com o passado, menos em um ponto: a língua. Não exigiram que deviam ser espanhóis e cristãos. Os deixaram sendo mexicanos na linguagem e men-

talidade. Daí o nascimento dos povos, agrupando-os para uma melhor evangelização e ensinamentos em vários campos, como construção, agricultura, estradas, hospitais, aquedutos, no campo educativo, nas artes, etc.

Nestes povoados os espanhóis eram excluídos para evitar maus exemplos. Mas tanto os bispos quanto as autoridades civis viam os missionários com receio pela autoridade que tinham nas aldeias, onde a língua local era falada. Os primeiros missionários do México souberam transmitir aos índios um cristianismo integral, já que o cristianismo não merece esse nome quando informa, penetra e faz vida plena do homem, até em suas menores ações, até em seus mínimos pensamentos. O ponto fraco é que os amavam como um pai para seus filhos pequenos, que não queriam vê-los crescer, então alguns deles não ensinaram castelhano e não permitiram que chegassem ao sacerdócio. A vida nas aldeias isolou os índios, que ficaram à margem da evolução do país. Quando os missionários se foram, os nativos ficaram completamente desorientadas (RICARD, 1986, p. 414-416).

Escreve Pedro de Córdova: “Se entre estas pessoas entrarem pregadores sozinhos, sem a força e a violência destes infelizes cristãos, penso que se poderia com eles fundar quase tão excelente igreja como foi a primitiva” (GUTIERREZ, 1989, p. 48-49).

Uma questão fundamental é considerar a consciência individual e coletiva do índio, sua consciência mítica e observar sua conversão gradual, embora por graus e com grandes esforços e dificuldades. Isto é, devemos partir de uma cosmovisão mítica, onde o sagrado invade toda a existência. Nesse mundo mítico aparece o hispânico com seus assombrosos instrumentos de civilização; aparecem os missionários com sua pureza, sua misericórdia, a beleza do culto.

O índio admite tudo isso como uma novidade teológica. Os deuses, os protetores dos espanhóis devem ser grandes, muito mais poderosos que os seus. A força de um povo nada mais é do que a expressão do poder de seus deuses. O índio, muitas vezes, pedirá para ser um cristão para agradar aos deuses cristãos,

para possuí-los sendo possuídos, para assinar uma aliança pacífica com eles. Haverá então uma aceitação do cristianismo a partir da própria cosmovisão primitiva e mítica. Não pode ser de outra maneira (DUSSEL, 1983, p. 125).

A consciência do índio, depois de alguns anos de conquista, não possuía mais os canais normais para desenvolver sua visão de mundo, o que indica que se foi produzindo a morte de um povo, nação, cultura. O espanhol chegou e arrasou sem compreender o significado teológico do que encontrou no continente. É importante assinalar que não houve um interlocutor como Matteo Ricci, que tivesse sido uma ponte entre os dois mundos.

CONCLUSÃO

A influência das grandes cidades como Roma, Antioquia, Constantinopla, etc., tiveram algo a ver no desenvolvimento do cristianismo, que assimilou parte dessas culturas. Os Papas tomaram partido de acordo com as circunstâncias e conveniências para dominar o mundo. No final do século XVI, os ingleses, holandeses e franceses erradicaram os habitantes dos países que conquistaram. Os espanhóis e os portugueses permitiram de alguma forma a preservação da vida humana. Onde estão os habitantes indígenas dos Estados Unidos ou do Canadá? Os conquistadores acabaram com tudo, foi um assassinato quase total. Assim tem sido a história dos povos no mundo, conquistando, impondo, saqueando, ensinando, catequizando, etc.

Por um lado, na América, após o choque inicial da conquista, a história da sociedade colonial foi um longo processo de reintegração em todos os níveis: econômico, social, político, ideológico. Pela herança pré-colombiana e pelas forças exógenas, o processo assimilou formas muito diferentes: sincretismo, resistência, hibridismo, hispanização. Esse conflito chega até nossos dias, a cultura dominante, que tenta impor seus valores e costumes, e a cultura nativa dominada, que também insiste em preservar os próprios valores e costumes (BETHELL, 1984, p. 202).

Por outro lado, as autoridades eclesíásticas, ao longo destes 500 anos, nem sempre acreditaram na conversão ao cristianismo por parte dos povos latino-americanos. Roma havia entregado tudo à Espanha. O mesmo Conselho de Lima III (1582-83) já dizia: “sem dominação e destruição dos povos do continente, não haverá possibilidade de evangelização” (HOONAERT, 1994, p. 223). O papa Gregório XVI em 1840 falando do cristianismo na América disse que tudo estava errado e devia ser corrigido. Assim inicia a romanização (HOONAERT, 1994, p. 319). Em tempos mais recentes, o Papa Bento XVI, em visita ao Brasil em 2007, afirmou que a conquista e a evangelização na América haviam sido pacíficas, que não comportou, em nenhum momento, à alienação das culturas pré-colombianas e não impuseram uma cultura estrangeira.

Os missionários chegaram ao continente conquistando e evangelizando, sua chegada representou um avanço e um retrocesso. Grandes benefícios nos trouxeram os missionários com o ensinamento, paciência e presença no meio das aldeias onde deram a vida pela implantação do Evangelho, como no caso de Vasco de Quiroga que, aos 95 anos, saiu para visitar sua diocese, morrendo antes de terminar. Mas também sepultaram o curso de nossas culturas e seu desenvolvimento, fazendo com que nosso povo vivesse o trauma da morte e da violência, pelos saques e expropriação.

Nós missionários, somos filhos do nosso tempo e também fizemos parte deste jogo da história. Fomos a outros povos e culturas aportando e extraindo, ensinando e errando, com boa vontade, mas às vezes mostrando mais a nossa cultura do que o Evangelho. Porém a intenção de levar a Boa Nova de Jesus continua. Neste aniversário do 40º aniversário da Conferência de Puebla, nos convida a continuar aportando desde o que somos, com o nosso carisma missionário, mesmo que seja pouco, todavia compartilhando com os outros povos o anúncio que recebemos: fazer um mundo melhor, com a esperança de que o nome de Jesus seja conhecido e amado por todos.

PARA REFLETIR

- 1. Qual foi o modelo de missão que prevaleceu na Igreja por séculos?
- 2. Como se manifestou o profetismo dos missionários na chegada a este continente e como se manifesta hoje?
- 3. Na missão, quais áreas da pessoa deve tocar a evangelização para que se dê uma profunda conversão?
- 4. Nós como missionários/as, qual mensagem tratamos de transmitir e quanto alcançamos esse objetivo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, Carlos Alvear. *Historia de México*. México: Limusa, 1966.

ARGUEDAS, José Maria; RESCANIERE, Alejandro Ortiz. La posesión de la tierra. Los mitos posthispánicos y la visión del universo en la población monolingüe quechua. In: *Les problèmes agraires des Amériques Latines*. París: Publications du CNRS, 1967, p. 309-315

BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina*. América Latina colonial: la américa precolombina y la conquista. Barcelona: Cambridge University Press, 1984.

DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de Tierra Firme*. México 1867-1880, v. II. México: Imp. de J.M. Andrade y F. Escalante, 1867.

DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina, coloniaje y liberación 1492-1983*. México: Mundo negro – Esquila misional, 1983.

FERNÁNDEZ, Fidel González. *Historia de la Misión en América Latina*. Navarra: Verbo Divino, 1998.

FERNÁNDEZ, Manuel Giménez. *Bartolomé de las Casas I*. Delegado de Cisneros para la reformatión de las Indias. Sevilla: Escuela de Estudios Hispanoamericanos, 1953.

GAMIO, Manuel. *La Población del Valle de Teotihuacan*. México: Talleres Gráficos de la Nación, 1922.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Dios o el Oro en las Indias*. Lima: Instituto Bartolomé de las Casas, 1989.

HOONAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.

KAROTEMPREL, Sebastián (coord.) *Seguir a Cristo en la Misión*. Manual de Misionología. Estella: Verbo Divino, 1998.

LÓPEZ-VELARDE, Benito. *Hitos históricos misioneros: dentro del territorio Mexicano actual*. Cultura Misional 17. México: Jus, 1978.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete Ensayos de Interpretación de la realidad peruana*. Lima: Minerva, 1928.

MEDINA, Fernando Armas. *Cristianización del Perú. Métodos misionales*. Sevilla: Escuela de Estudios. Hispano-Americano, 1953

MENDIETA, Jerónimo. *Historia Eclesiástica Indiana*. México: Antigua Librería: Impr. por F. Diaz de Leon y S. White, 1870.

PEREYRA, Carlos. *La Conquista de las Rutas Oceánicas*. La obra de España en América. México: Porrúa, 1986.

RICARD, Robert. *La Conquista Espiritual de México 1523-1572*. México: FCE, Jus-Polis, 1986.

RUEDA, Julio Gimenez. *Herejías y supersticiones en la Nueva España*. México: Imprenta Universitaria, 1946.